

© 2011, Marlene Cainelli (Org.)

Rua Olavo Bilac, 416, aptº 33

Jardim Champagnat

86062-260 – Londrina – PR – Brasil

Fone: (0__43) 3371-4398

E-mail: cainelli@uel.br

© 2011, Maria Auxiliadora Schmidt (Org.)

Rua Nelson de Souza Pinto, 709

Bairro Ahú

82200-060 – Curitiba – PR – Brasil

Fone: (0__41) 3252-7449

E-mail: dolinha08@uol.com.br

Direitos de Publicação, Programação visual, Editoração e Impressão:

Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste
do Estado do Rio Grande do Sul

Rua do Comércio, 1364

98700-000 - Ijuí - RS - Brasil

Fone: (0__55) 3332-0217

Fax: (0__55) 3332-0216

E-mail: editora@unijuí.edu.br

Http://www.editoraunijuí.com.br

www.twitter.com/editora_unijuí

Editor: Gilmar Antonio Bedin

Editor-Adjunto: Joel Corso

Capa: Elias Ricardo Schitssler

Catálogo na Publicação:

Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

E244

Educação histórica : teoria e pesquisa / organizadoras Marlene Cainelli, Maria Auxiliadora Schmidt. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2011. - 352 p.

ISBN 978-85-7429-944-0

1. Educação. 2. História. 3. Educação histórica. 4. Educação histórica – Teoria. 5. Educação histórica – Pesquisa. I. Cainelli, Marlene. II. Schmidt, Maria Auxiliadora. III. Título. IV. Título: teoria e pesquisa.

CDU : 37.01

37.1(091)

37.01:930.1

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Percursos das Pesquisas em Educação Histórica: Brasil e Portugal..... 9

Marlene Cainelli

Maria Auxiliadora Schmidt

Parte 1

EDUCAÇÃO HISTÓRICA

E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA..... 19

O PAPEL DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA

NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL..... 21

Isabel Barca

EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA 49

Estevão de Rezende Martins

O SIGNIFICADO DO PASSADO NA APRENDIZAGEM
E NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA
DE JOVENS ALUNOS 81

Maria Auxiliadora Schmidt

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS
ESCOLARIZADOS E HISTÓRIA DA CIDADE 91

Geysa D. Germinari

- LEE, Peter. Understanding History. In: SEIXAS, Peter (Ed.). *Theorizing historical consciousness*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 2006. p. 129-164.
- LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald. *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- MARTIN, Raymond. *The past with us: an empirical approach to Philosophy of History*. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- _____. Objectivity and meaning in historical studies: toward a post-analytic view. In: *History and Theory: Studies in the Philosophy of History*, Middletown: Wesleyan University, v. 32, n. 1, p. 25-50, 1993.
- MCCULLAGH, C. Behan. *Justifying historical descriptions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- _____. *The truth of History*. London/New York: Routledge, 1998.
- OAKESHOTT, Michael. *Sobre a História e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2003.
- PAIVA, Miguel; SCHWARTZ, Lilla Moritz. *Da Colônia ao Império: um Brasil para inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 5-9.
- RÜSEN, Jörn. Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a história na era da "nova intransparência". In: *Revista História, questões e debates*. Curitiba: Departamento de História/UFPR, ano 12, n. 20-21, 1997.
- _____. *A razão histórica: Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.
- WALSH, W. H. *Introdução à filosofia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- WILLIAMS, Raymond. *La larga revolución*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

PENSAMENTO DOS JOVENS EM COMUNIDADES VIRTUAIS SOBRE A HISTÓRIA E SEU ENSINO¹

Márcia Elisa Teté Ramos²

Com o incremento de instituições e tecnologias orientadas para a produção e difusão de mensagens pelos meios de comunicação ampliou-se a disponibilidade das formas simbólicas para grande número de indivíduos, em cada vez mais espaços e em velocidade sempre maior. Na última década a chamada "segunda idade das mídias", ou melhor, a cibercultura,³ também vem integrando o cotidiano de vários sujeitos, em especial dos jovens. Consideramos que a técnica, o suporte de significação não engendra apenas uma

¹ Este texto refere-se às considerações iniciais de pesquisa do projeto sob o mesmo título.

² Doutora em História e Historiografia da Educação pela UFPR. Professora de Metodologia e Prática de Ensino de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

³ Aqui, tomamos a cibercultura como "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (Lévy, 2000, p.17). Tais comunidades podem ser definidas como agregações virtuais que emergem da Rede quando um conjunto de pessoas se engaja em discussões públicas por certo tempo e com emoções suficientes para formar teias de relações pessoais no ciberespaço (Rheingold, 2002).

aplicabilidade instrumental, pois são “entidades que participam plenamente da instrução de mundos percebidos” (Lévy, 2000, p. 16). Mesmo reconhecendo que parte da população ainda estaria excluída da cultura midiática, os suportes de informação e de comunicação desenham um modo de experimentar, perceber, sentir e conhecer o mundo que impregna a cultura. O suporte hipermediático da cibercultura vem “modificando tanto o estatuto cognitivo quanto institucional das condições do saber e as figuras da razão” (Martín-Barbero, 2006, p. 54). As mudanças no modo de apreensão do real, que dizem respeito também ao suporte textual, denotariam a expressão de uma nova *episteme*, e o hipertexto eletrônico poderia ser admitido como “metáfora válida” da forma de conhecer a realidade do momento histórico atual (Lévy, 2000, p. 25).⁴

A memorização de trajetos para não se perder na significação do texto primeiro, a escrita parecida com o falado, o uso de logogramas e abreviações, a constante execução de ações de selecionar, religar, sintetizar, comentar, fazer triagem, associar, exigem e produzem novas habilidades de escrita e leitura, – novas “categorias intelectuais” (Chartier, 1999, p. 77) –, em que se sobressaem os princípios da indeterminação e da transitoriedade.⁵

Mediante o impacto da cibercultura na produção de novas formas de conhecimento, de racionalidades, de sensibilidades, de experiências, de sociabilidades, de construção(es) do pensamento, interessou-nos investigar o

⁴ A escrita hipermediática, segundo Roger Chartier, constitui uma alteração importante na história dos textos e/ou das mídias, isto é, das estruturas e formas do suporte, da modalidade técnica da produção do escrito, das percepções e dos hábitos de leitura (Chartier, 2002, p. 24, 113). Ainda que a tela do computador apresente um texto reproduzido de um impresso, este não será o mesmo, porque foi alterada a materialidade de sua escrita, por subsecutivo, sua leitura. O texto eletrônico, por ser maleável, móvel, aberto, desterritorializado e incomensurável, fazendo com que os leitores enfrentem “o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis e materiais que lhes permitam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos” (Ibid., p. 23).

⁵ O texto eletrônico permite uma interatividade de escrita em que o leitor passa de receptor para usuário, realizando mais ações: de cortar, colar, digitar, comentar, combinar, copiar, transferir, arquivar, “linicar”, etc., fazendo dilatar a memória associativa, em um misto de atualização, recuperação e produção de significados (Ramos, 2009, p. 248).

que pensam os jovens sobre a História e o ensino de História em um espaço hipermediático. A partir do *Orkut* (www.orkut.com), rede de relacionamentos virtuais, ligado ao conhecido *websie* de buscas *Google*, investigamos as comunidades virtuais (*community websites*) vinculadas à discussão sobre a História destacando os comentários postados em *forums* (instância de debates de determinado tema) por jovens em idade escolar correspondente ao Ensino Médio (14-19 anos). Quando percebido que um internauta extrapolava esta faixa etária, não era considerada a sua intervenção nas discussões.⁶

Há que se reconhecer que no campo da historiografia, os documentos escritos eram privilegiados como fonte investigativa, quando a escrita predominava como suporte das mensagens. A nova História passa a alargar a noção de fonte histórica, para além do documento escrito, concomitante ao surgimento da primeira idade das mídias, com o cinema, a fotografia, a música, etc., e posteriormente, também as mensagens televisivas (novelas, propagandas, telejornais, entre outras). Agora, na segunda idade das mídias, com a cibercultura, novamente advém a problemática sobre o que pode ser considerado fonte histórica, e entendemos que, por exemplo, os *blogs*, os *chats* ou as *community websites* podem ser consideradas como tal. Como são fontes relativamente recentes, têm sido pouco utilizadas para a pesquisa histórica, ou mesmo cogitadas como fonte de pesquisa histórica, mesmo porque trazem a marca do presente, ou melhor, do instantâneo.⁷

Com toda a sua fluidez, trivialidade e intermitência, estas fontes têm a capacidade de expressar a cultura da contemporaneidade, pois refletem *quem são* e o *que pensam* os sujeitos que protagonizam o século 21. Para nós, as comunidades virtuais condizem com uma forma histórica específica de

⁶ Sabemos da idade dos internautas, membros das comunidades virtuais “eu amo História” e “eu odeio História”, pelo perfil: existem campos como “geral”, “social”, “contato”, “pessoal” e “profissional”. Neste último campo costuma-se colocar o nome do colégio onde se estuda. Os perfis mais simplificados também podem nos dar indícios sobre a idade (foto do perfil, álbum de foto, título de outras comunidades, etc.).

⁷ Enquanto isso, em outras áreas (*Marketing*, Comunicação, Linguística, Publicidade, Antropologia, Sociologia, Psicologia, etc.) a possibilidade de cartografar ou mensurar valores e comportamentos via comunidades virtuais já é uma realidade.

evidenciar a consciência histórica e/ou a cultura histórica de nossa época. Partimos do pressuposto de que a formação e/ou aprendizagem histórica não circula, não é elaborada, não é transmitida tão somente na escola, pois diferentes tipos de saberes históricos são continuamente engendrados e repassados na multiplicidade de relações, espaços e tempos (Rüsen, 2007, p. 91). Existe uma Pedagogia informal, tornando o sujeito “aprendiz” nas múltiplas relações interativas que estabelece com o mundo e com os outros, se “*aprender for entendido, fundamental e genericamente, como processo no qual as experiências e as competências são refletidas interpretativamente*” (p. 94). Por meio de um suporte de interação como as comunidades virtuais – não importa se um suporte voltado para o entretenimento e/ou trivialidade –, ao postar um comentário, o jovem expressa a cultura na qual se insere, narrando suas opiniões, no caso, relacionadas à História e ao seu ensino. Na interação o jovem também aprende História, pois precisa argumentar, narrar, (re)elaborar uma narrativa ao defender ou criticar o ensino de História. Dessa forma, as comunidades virtuais, ao possibilitarem ao jovem a narração de si (o que gosta, o que pensa, o que questiona, etc.), bem como a troca de comentários que implica a negociação de identidades, também são uma forma de dar sentido às experiências vividas, ou seja, expressam uma consciência História, tanto subjetiva quanto coletiva.

Mais do que uma lista de *e-mails* ou de nomes cadastrados em um site, uma comunidade virtual envolve a pretensão dos membros em participar voluntariamente, de se envolver, de expor ou trocar interesses, valores, projetos, entendimentos, percepções comuns. Adicionar uma comunidade no *Orkut*, fazer parte dos *forums*, significa tornar públicas as ideias com as quais o usuário se identifica, fazendo com que este pense sobre si, sobre quem é, sobre aquilo que ama ou odeia, sobre o que faz ou não, sobre como se comportar em determinadas situações. Está, portanto, em jogo a construção da identidade(s), e as comunidades virtuais funcionam como espaços nos quais se (re)criam laços imaginários que permitem “ligar” pessoas sob o sentimento de terem alguma coisa em comum, bem como para estabelecer e/ou negociar fronteiras entre quem está “dentro” e quem está “fora” de determinado grupo identitário, dado que quando se fala em identidade se

fala também em diferença (Silva, 2000, p. 81, 85). Como veremos, os conflitos entre membros das comunidades ou de postagens em uma mesma comunidade que “amam” e aquelas que “odeiam” História confirmam a ideia de que a construção/demarcção de identidades implica a inclusão e a exclusão, quando se estabelece o Mesmo e o Outro.

Apesar de muitos teóricos destacarem a tendência de que as indentedades no mundo atual sejam multifacetadas e reconstruídas continuamente, como fez Stuart Hall (2000), entendemos que, por esse motivo mesmo, existe uma necessidade do que Maffesoli denomina de “substancialismo”, ou melhor, de firmar a identidade, levando em conta a identidade sexual, profissional, ideológica, “*e poderíamos identificá-las infinitamente*” (2006, p. 30). Para este autor, assistimos à “*pluralização da pessoa*”, às “*identificações múltiplas no interior de si*” (Idem, p. 32), não que as identidades antes não fossem multifacetadas e transitórias, mas agora vivemos uma época em que não só passamos a *reconhecer* que a identidade é um conjunto de *eus*, mas também *necessitamos* ou *desejamos* que estes sejam enunciados, promovendo um alargamento das fronteiras da intimidade. Quanto mais as identidades estão “à deriva” e “fragmentadas”, mais se procura demarcá-la(s), e para tal torna-se imprescindível narrá-la(s), e o *Orkut* é considerado, pelo menos para os jovens, um lugar propício para a narrativa de si, para a afirmação/defensação de identidades.

Maffesoli alerta que existe sim uma crise identitária e a reemergência de outra forma de identidade(s) apropriada para a contemporaneidade, e que esta tem como referência a máxima “*eu não existo senão pelo e sob o olhar do outro*”, o que nos remete certamente à visibilidade que o *Orkut* e as comunidades virtuais pressupõem. Para o autor, sem se referir às comunidades virtuais, as novas formas de comunidade significam “*compartilhamento de emoções*” em uma espécie de “*atmosfera emocional*”, em que o lúdico e o evanescente são importantes (2006, p. 34). Dessa forma, nessas comunidades existe muito mais o objetivo de deixar opiniões, de se expor e de se divertir, do que em gerar consenso, argumentar e mostrar convicções, embora isso termine por

ocorrer com frequência, uma vez que o que está em jogo, no caso, é a afirmação de identidade(s) por intermédio de um gosto por determinada disciplina escolar, o que engloba a necessidade de defender uma ideia.

Outra lógica de sociabilidade ocorre agora centrada no cotidiano e na atração de sensibilidades, o que Maffesoli chama em seus escritos de “neotribalismo”, então explicado por Featherstone, como laços de limites fluídos criados pelas pessoas “*a fim de vincenciar múltiplas atrações, sensações, sensibilidades e vitalidade de uma comunidade extralógica, a sensação de estarem juntos, o sentimento comum gerado por uma adesão emocional comum a um signo reconhecível por outros*” (1997, p. 72). Embora as comunidades virtuais simbolizem o “novo” na contemporaneidade quanto ao jogo formador do senso de pertencimento e/ou quanto à forma de “estar junto”, Rosa Maria Hessel Silveira alerta que não podemos celebrar o *Orkut* e as comunidades virtuais como espaço de congraçamento e democracia. Segundo esta autora, tais espaços também podem ser vistos como promotores de um “enquadramento das subjetividades” ao servirem de vitrines nas quais se realiza um *marketing* das identidades como se estas fossem mercadoria (Silveira, 2006).

Não há como exigir ordem, estabilidade e previsibilidade de uma fonte que caracteriza a cultura de nosso tempo, que prima pela incerteza, instabilidade e imprevisibilidade, mas de partir do princípio de que os comentários postados nos *forums* das comunidades virtuais significam um gigantesco acervo “aberto” e “movido”.⁸ Apesar, entretanto, da grande quantidade de membros de uma comunidade e de perguntas nos *forums*, são poucas as respostas, configurando-se assim uma amostragem que permite o seu estudo.⁹ A metodologia a ser empregada fundamenta-se na busca de regularidades enunciativas, do potencial do não dito e/ou do não aparente

⁸ Algumas comunidades são deletadas, outras surgem, e da mesma forma, alguns comentários são postados e depois excluídos. Por isso, para não perdermos as discussões, foi preciso que as fontes fossem “congeladas”, ou seja, fotografadas (tecla *print screen* *sysRq*) para análise, de forma externa à dinâmica do espaço virtual.

⁹ Na comunidade “Eu amo História 2”, por exemplo, no *forum* “Hitler”, acesso 8/9/2010, apenas 19 respostas eram de jovens da faixa etária dos 14 aos 19 anos.

e de estruturas traduzíveis em modelos nos “discursos” diversificados. Optamos pela inteligibilidade do conjunto em detrimento das análises de detalhe, pelo fato de que nos interessa a dinâmica das postagens e não as minúcias da narrativa.

O *Orkut* é uma rede de relacionamentos virtuais em que o sujeito traça seu perfil e o primeiro item visível aos internautas é a descrição de si: “quem sou eu”.¹⁰ Assim, deve-se dar *visibilidade* àquilo que supostamente define a identidade.¹¹ Ao selecionar uma comunidade como “eu amo História” ou “eu odeio História”, o internauta está se apresentando ao mundo (virtual), esclarecendo a preferência ou não por essa disciplina escolar e está também explicando sua identidade e compartilhando repertórios.¹²

As comunidades virtuais ligadas à disciplina escolar de História são inúmeras, por isso, lançamos na busca de comunidades as palavras-chave “eu odeio História...” e “eu amo História...” tomando os cinco primeiros resultados apresentados (e que correspondem a uma classificação conforme a quantidade de participantes, iniciando-se pela maior): *Comunidades que “odeiam”* – 1) “Eu odeio Geografia e História” (7.490); 2) “Eu odeio aula de

¹⁰ Somam-se outros itens, por exemplo: qual tipo de relacionamento amoroso procura; quais comidas, filmes, músicas e livros gostam; quantos amigos são capazes de ter; qual a orientação sexual, a religião, o estilo; quais os esportes e animais de estimação prediletos; o que atrai em um(a) parceiro(a); o “encontro” considerado ideal; o que não suporta e o que tem no quarto; opção política; idiomas que conhece, etc. Vale esclarecer que alguns perfis são anônimos e não foram considerados nesta pesquisa. Outros perfis são “fakes”, ou seja, são elaborações imaginárias do eu, que achamos por bem considerar, porque uma identidade inventada provavelmente corresponde ao que o sujeito quer ser, o que também implica a construção identitária.

¹¹ No *Orkut*, a maioria das informações é pública, embora nem todos os campos do perfil sejam obrigatórios ou visíveis, uma vez que são abertas opções de chaves de privacidade de em alguns deles. Apenas integra a seção “meus amigos” quem seja convidado ou adicionado. Quanto às comunidades virtuais, essas fazem parte da lista do *orkutiro*, se ele solicita participação, sendo que em alguns casos, o(s) moderador(es) da comunidade precisa(m) dar o aval de participação para o solicitante.

¹² Além de adicionar os amigos e serem adicionados por eles, os *orkutiros* adicionam-se às comunidades virtuais que lhes interessam. Cada *orkutiro* pode tornar-se membro de quantas comunidades quiser e a variedade de grupos com objetivos distintos aos quais se cadastra apresenta inúmeras possibilidades de identificação.

História" (6.789); 3) "Eu odeio professor de História" (1.995); 4) "Eu odeio História" (1.365) e 5) "Eu odeio aula de História" (1.517). *Comunidades que "amam"*: 1) "Eu amo História 1" (9.832); 2) "Eu amo História 2" (1.389); 3) "Eu amo estudar História!" (2.451); 4) "Eu amo História do Brasil" (6.356) e 5) "Eu amo História e Geografia" (607). Os números de participantes das comunidades mudam a todo o momento, mas podemos inferir que são semelhantes entre aqueles que dizem "odiar" História e aqueles que dizem "amar" História.

Um levantamento já nos evidenciou que nos *fóruns* dessas comunidades existem alguns tópicos frequentes: porque (ama ou odeia a disciplina de História) e o quê (ama ou odeia em termos de conteúdo e metodologia referentes à disciplina da História). Sendo assim, ao invés de partirmos de uma problemática previamente construída, o teor das perguntas e das respostas dos *fóruns* nos direcionaram para o que poderia ser pesquisado. No caso, percebemos que poderíamos trabalhar a questão da "significância histórica" para os internautas, ou seja, o significado, a importância, ou mesmo a "utilidade" que tais sujeitos dariam à História (Alves, 2007, p. 2). Esta significância histórica em relação à História poderia ser a busca de como os integrantes das comunidades virtuais entendem algo específico sobre o que aconteceu no passado (fato) ou sobre a forma como os historiadores interpretam o passado (historiografia). Tendo como referencial o que os próprios *orkuteiros* estão dizendo de forma espontânea, contudo, a significância histórica é relacionada à História como disciplina escolar. Vimos que, principalmente quando "odeiam", estão se referindo à História ensinada, ou seja, à forma escolar da narrativa, do saber, do estudo da História.

As postagens expressam considerações espontâneas e devido à rapidez com que navegam, por vezes, irrefletidas, denunciando de um conhecimento tácito,¹³ pois não existe um entrevistador, alguém solicitando respostas.

¹³ As protonarrativas, ou protoconhecimento, são conhecimentos ou saberes prévios ou tácitos. "...do latim *Tacitus* e quer dizer: sem ser expresso de um modo formal; que se subentende". Pensando tal palavra relacionada ao domínio da educação histórica, seria "o conhecimento que os alunos adquirem antes ou até mesmo depois do contacto

Segundo Bourdieu, "é o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo", o que causa um desnível entre pesquisado e pesquisador, "uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente de capital cultural" (1997, p. 695). Desta forma, sem um entrevistador ou moderador em um lugar de poder, sem a noção de que estão sendo sondados por internautas não membros das comunidades (como os pesquisadores), os comentários, as conversações impetradas nos *fóruns*, ocorrem por vontade própria e são autorreguladas por códigos implícitos dos internautas membros.

Algumas representações recorrentes em vários âmbitos — que vão do discurso pedagógico ao midiático —, entendem que os jovens estão perdendo, com a *Internet*, a capacidade de construir um texto coerente e argumentativo. O que conseguimos ver foi que, evidentemente, existe uma forma de escrita que não se enquadra naquilo que é definido como "norma culta da língua portuguesa", mesmo porque seria "*nerd*"¹⁴ escrever certo, mas há uma argumentação, uma disposição textual por vezes extensa, se pensarmos que as comunidades virtuais são apenas pontos em que o internauta em constante e rápido trânsito para por alguns momentos.¹⁵

com o ensino formal. É deste modo um conhecimento muito pessoal incorporado na experiência dos alunos, envolvendo factos, crenças, emoções, perspectivas, intuições e até habilidades" (Barbosa, 2006, p. 10).

¹⁴ Termo que descreve, de forma estereotipada, muitas vezes com conotação depreciativa, uma pessoa que exerce intensas atividades intelectuais, que são consideradas inadequadas para a sua idade, em detrimento de outras atividades mais populares.

¹⁵ Em outra pesquisa, os jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Londrina disseram que na *Internet* poderiam "baixar músicas e filmes", "bater papo no MSN", "assistir vídeos", "ouvir músicas", "jogar", "ver sites sobre fofoca", "fazer pesquisa escolar" (inclusive sobre História). Ainda: poderiam utilizar sites relacionados às redes sociais elaborando álbuns de fotos, além de conversarem por tais sites e participarem de comunidades virtuais. Todas essas atividades ciberespaciais disseram realizar de forma simultânea, "ao mesmo tempo". Todos tinham acesso à *Internet*, seja em casa ou em *lan houses*. Lembraram que obter um computador tornara-se algo comum devido à facilidade de parcelamento de compra oferecido pelas lojas e que a hora/*Internet* nas *lan houses* era de custo muito baixo.

Dos internautas que não gostam de História e expressam isso nos *forums*: 1) 36% dizem que o motivo é o professor de História, 2) 22% dizem que se deve ao fato de ser uma disciplina que exige “decorar” os fatos e nomes; 3) 16% argumentam que a História estuda o passado e/ou gente que já não existe mais e que por isso mesmo deve ser privilegiado o presente; 4) 14% entendem que a história escolar não tem qualquer utilidade; 5) 7% dizem que não concordam que na história existam heróis – e que em consequência, seus nomes e feitos devam ser memorizados –; 6) 5% dizem que não gostam de ler, e a História como disciplina escolar é baseada em leituras. Os itens 2 e 5 estão interligados, correspondendo a uma visão de que a aprendizagem da História se baseia na memorização, bem como os itens 3 e 4, que revelam que os internautas não conseguem ver utilidade, função ou finalidade na História ensinada.

É possível inferir que a História quando é “amada” também engloba a História escolar (30%), mas pauta-se muito mais nos debates, comentários, inserções de outros lugares de História, em especial filmes, jogos eletrônicos¹⁶ e revistas de consumo,¹⁷ um que seria possível ver a História com “gosto”. É frequente um internauta recomendar filmes e livros para o entendimento de um tema histórico.¹⁸

¹⁶ Um exemplo visto nas comunidades virtuais é o jogo *Runescape*, um MMORPG (*Massively Multiplayer Online Role-Playing Game*), ou seja, permite a milhares de jogadores criarem personagens em um mundo virtual dinâmico em que podem interagir/conversar. Produzido pela empresa britânica Jagex Ltda., foi criado oficialmente em 1998 por Andrew Gower. O jogo possui mais de 138.000.000 (cento e trinta e oito milhões) de contas. Simula a Idade Média através de classes sociais, feudos, guildas, alimentação, plantas, arquitetura, povos “bárbaros”, etc., porém mescla conteúdo ficcional, com criaturas como dragões, magos, elfos, gnomos, etc. O objetivo é combater, conquistar e acumular riquezas, progredindo de nível.

¹⁷ São várias as revistas de consumo brasileiras relacionadas à História: História: (Revista de História da Biblioteca Nacional); Aventuras na História (Editora Abril); História Viva (Duetto); Leituras da História (Escala), etc.

¹⁸ Um internauta indica: “Hitler e o nazismo. Carras, pra entenderem bem o que aconteceu lá na Alemanha das décadas de 20 e 30 e conhecerem legal quem foi Hitler, recomendo 3 filmes: Hitler, a ascensão do mal; Arquitetura da Destruição (documentário,

Repete-se o fato de aqueles que “amam” História frequentarem as comunidades que “odeiam” História para argumentar a favor do ensino de História, do professor de História, da importância da História para a vida dos sujeitos no presente, mas a recíproca não é muito comum (só foi vista em um caso). Quando, porém, um internauta que “ama” interfere na comunidade que “odeia”, é habitual que haja réplica:

Têm cara pra entrar na comunidade e escrever um post achando que estão conseguindo passar sermão em mais de 600 pessoas de uma só vez. Devem aprender poesia também pra poder escrever algo tão bonito e sem sentido como todos os adoradores dessa disciplina fazem por aqui.¹⁹

As argumentações mais extensas e densas, que procuram mostrar a significância da História e seu ensino, encontram-se contraditoriamente nos *forums* das comunidades dos que “odeiam” História, correspondente às intervenções dos que “amam” a História. Esta interferência dos que “amam” para os que “odeiam” pode se dar não pela argumentação direta, mas pela problematização: “*Desculpe por estar intrrometendo-me na comunidade de vocês, mas gostaria de saber o motivo que os leva a odiar a disciplina História. Por favor, não quero brigas, apenas estou curioso.*”²⁰ Também muitos professores de História ou graduandos de História intervêm nas comunidades, mas como já referido, nesta pesquisa destacamos as intervenções de sujeitos da faixa etária dos 14-19 anos, peculiar à idade escolar do Ensino Médio.

¹⁹ último pra entender o projeto político, social e econômico do partido nazista); e A Queda: as últimas horas de Hitler. Uma boa pedida é o livro “Hitler venceu a Guerra” de Walter Graziano” (Victor, comunidade “Eu amo história”, *forum* “Hitler”, 7/1/2008).

²⁰ Allan, comunidade “Eu odeio História”, *forum* “Quais são seus motivos contra a História?”, 16/8/2005. Vou manter a disposição textual das narrativas, inclusive os erros ortográficos.

²⁰ Gabriel, comunidade “Eu odeio História & Geografia”, *forum* “Pequena reflexão”, 21/6/2006. Gabriel foi educado, o que não é comum neste tipo de postagem.

Fundamenta-se o “amor” à História em acordo com quatro perspectivas interligadas: 1) 53% por “gosto”; 2) 18% por gostarem de ver o diferente; 3) 17% em razão de ensinar os “porquês” do que aconteceu no passado e do que acontece no presente e 4) 12% porque os professores os levaram a gostar de História. O “gosto” quase sempre é um parâmetro, e podemos assim concordar com Maffesoli quando argumenta que “tribos” ou “comunidades” contemporâneas pautam-se no lúdico e/ou na afeição (Maffesoli, 2006, p. 34), e acrescentamos: também para compor o que seria a justificativa sobre a importância da História.

As comunidades que “odeiam” também inserem a questão do “(des)gosto”, mas é comum o professor ser responsabilizado por não motivar, não interessar, não provocar o “gosto” pela História (como vimos, 36%): “*e a minha [professora] q pergunto se eu gostava de história... eu disse q odiava, e agora tudo q eu fço ela reclama, nas atchidades se ta pequena a resposta ta incompleta, se tah grande, tem coisa desnecessaria...*”²¹; “*História é muito chato porque todo professor de História é muito chato*”;²² “*A aula não me interessa nem um pouco. A professora não explica nada com nada. A professora é brega (mas não vem ao caso). Ela passa texto enormes pra copiar [...]*”²³

Aliás, existem dez comunidades brasileiras sob o título “Eu odeio professor de História” (uma com mais de 2 mil membros), enquanto sob o título “Eu amo professor de História”, apenas duas (uma com 14, outra com 7 membros). Há que esclarecer que as comunidades do primeiro tipo referem-se aos professores de História *em geral*, sendo que comunidades que “amam”, referem-se a determinado professor de História – “Amo o professor de História [nome] – são inúmeras. Um internaute “adorador” de História reclama na comunidade “eu odeio História e Geografia”, “*Seus*

²¹ Césinha, comunidade “Eu odeio História”, fórum “O prof d hist gosta de vc?”, 18/2/2006.

²² Ana Carolina, comunidade “Eu odeio Historia”, fórum “História é muito chato”, 25/6/2006.

²³ Rafaela, comunidade “Eu odeio História”, fórum “Quais são seus motivos contra História?”, 30/6/2005.

professores decem ser muito ruins mesmo para vocês terem esse tipo de sentimento”,²⁴ demonstrando que o “gosto” ou “desgosto” por esta disciplina reporta ao professor.

O professor também é peso importante quando se trata de elogiar a disciplina:

[...] através de uma PROFESSORA (sim, com todas as letras maiúsculas) notei o quando me fascinava, ela ensina com vontade, sabe o que está falando, é dedicada, e o mais importante, gosta do que faz e sabe o que está fazendo ali, numa sala de aula... Por causa dela também pretendo fazer faculdade de História, e mudar o conceito totalmente errado que as pessoas ignorantes têm dessa ciência, o conceito de decorreba, [...].²⁵

A História me fascina e pra mim naum há nd melhor do q estudar história e graças a Deus sempre tive excelentes professores q me fizeram entender q todos os fatos estão entrelaçados... Por isso quero deixar aki o meu mto obrigada para esses grandes professores: valeu Osório, Rubens, Edson, Júnior, Marcos, Cíntia, Fernando e todos os outros grandes historiadores espalhados pelo mundo!²⁶

Os motivos em se “odiar” História são entrecruzáveis, isto é, “odeia-se” o professor de História porque estes os fazem “decorar” nomes, datas, fatos ou ler muito. Em resposta a uma pergunta, sobre o que levaria a “odiar” História: “*Datas principalmente... Muita data e muita coisa q eh cobrada q num serve pra nada*”.²⁷ “*Não gosto de História e Geografia porque são duas matérias que entram com muita dificuldade na minha cabeça, são muitas datas, nomes e*

²⁴ Léó, comunidade “Eu odeio História & Geografia, fórum “Continuem odiando História...”, 15/7/2009.

²⁵ Mayara, comunidade “Eu amo História”, fórum “Por que História?”, 28/3/2005.

²⁶ Schefanie, comunidade “Eu amo História”, fórum “Por que História?”, 13/4/2005.

²⁷ Murilo, comunidade “Eu odeio História & Geografia”, fórum “Pequena reflexão”, 22/6/2006.

blablabla... algumas coisas entendo de primeira, outras só depois de um ano!!!”²⁸ Quanto à leitura: *“típo assim... porque a nerd (professora) faz a gente ficar lendo pra caramba”*²⁹ e *“pq o q eu leio naum entra na minha cabeça”*.³⁰

Sobretudo a História escolar não tem significância em razão de: *“eu odeio aula de historia por que eu nao sei pra que saber de uma pessoa que ja morreu a muito tempo atras. ninguem merece ficar ouvindo a pro falar disso e muito chatooooo”*;³¹ *“Pra que saber de defunto?? pra queremos saber de pessoas que jah morreram, pra que ter que estudar sobre a vida de quem nem conhecemos??”*³² E ainda: *“Porque a gnt so istuda coisa veia q q a gnt tm a vr cum iss!! é um *****”*³³ Estudar o passado não tem sentido se ele não existe mais, ou seja, não é vista uma relação do passado com o presente, ou o passado passível de ser visto no presente, ou ainda, a “utilidade” do passado: *“História é a ***** da aula mais irritante que existe e que nujm vai ajudar em nd na minha vida”*.³⁴ Nem sempre o “rancor” pela História se manifesta com o internauta em trânsito deixando sua mensagem rápida, impulsiva e sem preocupação com a construção da argumentação.

²⁸ Dani, comunidade “Eu odeio História & Geografia”, fórum “Pq você não gosta de Geografia e História?”, 27/8/2010.

²⁹ Laninha, comunidade “Eu odeio História & Geografia”, fórum “Pq vc6 odeiam história???”, 3/10/2008.

³⁰ Thiago, Idem, 29/8/2008.

³¹ Karen, comunidade “Eu odeio aula de História”, fórum “Vamos converça porque vc nao gosta de historia?”, 27/8/2010.

³² Letícia, comunidade “Eu odeio aula de História”, fórum “Pra que saber de defunto?”, 5.4.2008.

³³ Rafael, comunidade “Eu odeio História & Geografia”, fórum “Pq vc6 odeiam história???”, 6/9/2008.

³⁴ As palavras chulas foram substituídas por *****. Vale esclarecer que é comum na escrita, principalmente nas comunidades que “odeiam” História, expressar isso por “palavrões”.

³⁵ Tatabh, comunidade “Eu odeio aula de História”, fórum “O que é história”, 2/6/2008.

O estudo da história é sempre justificado como algo que “evitará que cometamos os erros do passado”, mas teve um imperador romano lá que congelou os pregos e gerou crise de abastecimento na cidade, mas isso não impediu Sarney (homem letrado e estudioso) de fazer a mesma coisa. Ou seja, a única justificativa é falha.³⁶

Predomina, no entanto, o bom humor, mesmo quando é para destacar que aprender História é algo sem propósito. Vejamos a seguir a descrição de uma comunidade, lembrando que quando um internauta cria uma comunidade, precisa “chamar” participantes por meio desta descrição:

Pra vc que odeia a historia e acha que o rei Pepino o breve sofria de problemas sexuais, ou q num ta nem ai se a guerra dos 100 anos na verdade durou 116 ou acha q se o Conde D’eu ou não isso é problema dele, se vc é mais um que acha q o senhor feudal era um latifundiario escravista ou que Niké é só uma marca de tennis, una-se a nós!!!³⁷

Sobre os membros de comunidades que “amam”, como vimos, 17% justificam dizendo que querem *saber os “porquês”*:

simplesmente... a história é lanterna, a luz, a história nos fornece os “porquês” da vida, dos fatos, dos atos, dos costumes, enfim do mundo... pra mim não teria sentido nenhum viver sem saber o porque do mundo, da vida, da sociedade...³⁸

Ou então, para *conhecer culturas diferentes* (18%):

³⁶ Luiz, comunidade “Eu odeio História”, fórum “Quais sao seus motivos contra a historia?”, 13/3/2005.

³⁷ Descrição da comunidade “Eu odeio História” pelo moderador Gunther Frey, em 10/11/2004.

³⁸ Mayara, comunidade “Eu amo História 2”, fórum “Por que história?”, 28/3/2005.

História eh o máximo!!! Eu gosto de História desde sempre. Conhecer povos diferentes, épocas diferentes, grandes homens e mulheres q romperam barreiras e q fizeram d suas vidas um exemplo para as gerações futuras. História é entender todas as fraquezas e virtudes da humanidade, é querer estar vinculado ao tempo...³⁹

As respostas dos que não gostam de História tinham uma regularidade: a relação com um ensino de História chamado de “tradicional” que se encontra resumida, por exemplo, em Elza Nadai (1992-1993): memorização e a aula expositiva como métodos de ensino-aprendizagem; o conhecimento histórico como verdade obtida por intermédio da neutralidade e objetividade do historiador; tempo histórico associado à cronologia linear-evolutiva; História nacional que buscava identificação com a civilização europeia e o destaque dado aos eventos políticos, à ação de indivíduos extraordinários (em geral homens, brancos e cristãos) e à contribuição, sem conflitos, de brancos, negros e indígenas na formação e progresso da nação brasileira.

Poderíamos acrescentar que este tipo de História ensinada termina por fazer com que o aprendiz: não tenha condições de construir conceitos históricos substantivos (específicos da história, como: Revolução Francesa, feudalismo, Renascimento, etc.), e nem os conceitos e/ou conteúdos de segunda ordem, presentes em qualquer narrativa histórica, como aqueles ligados à temporalidade (mudança, permanência, transição, etc.), ou ainda, evidência histórica, realidade multiperspectivada, imaginação histórica, compreensão histórica, dentre outros. São conceitos que possuem a força associativa, relacional e contextualizadora, para entendimento do mundo e de si mesmo (Schmidt, 2009).⁴⁰

³⁹ Sthefanie, comunidade “Eu amo História 2”, fórum “Por que história?”, 13/4/2005.

⁴⁰ Maria Auxiliadora Schmidt toma a conceituação de Peter Lee para considerar os “conceitos históricos substantivos” e os “conceitos históricos de segunda ordem”.

Embora não seja o objeto do presente texto, cumpre destacar que duas questões são bastante debatidas no contexto das comunidades virtuais, especialmente naquelas que “amam” a História, e que podem nos mostrar uma direção para se pesquisar a problemática da significância histórica: o herói e as guerras. Quanto ao herói, existem fóruns que discutem sobre qual herói predileto,⁴¹ ou com qual herói gostaria de sair para conversar,⁴² ou ainda específica determinado personagem, como é o caso de Hitler (se este seria mau por natureza ou fruto de um contexto histórico).⁴³ Questiona-se também se as guerras podem promover progresso apesar da destruição.⁴⁴

⁴¹ Comunidade “Eu amo História 2”, fórum “Quais são os heróis(inas) da História?” Neste fórum alguns internautas questionam a figura do herói, entre outros: Orlando, “Desde quando a história tece heróis? Resumindo, isso é perda de tempo, pois os heróis que existem foram inventados”, 5/9/2005; Deborah, “Somos nós!! tendo consciência da nossa historicidade, cada um é o herói da própria história. cabe a todos possuir humildade e criar uma lga da justiça!! pensem nisso, é assim que se faz revolução!!..-)” 26.9.2005; Carla, “muitos foram, nós tb poderemos ser... pois a história é feita a partir de nossos atos. sejam eles para o nosso desenvolvimento ou não”. 25.6.2006; e Karen, “Acredito que a sociedade deve ser construída por todos e que não necessitamos de heróis se de fato temos uma vida digna, mas em alguns momentos difíceis para homen considero que alguns se sobrepuseram na luta cotidiana como por exemplo: Chico Mendes, para citar um brasileiro”, 27/6/2006.

⁴² Comunidade “Eu amo História 1”, fórum “Com que pessoa do passado vc conversaria?”

⁴³ Comunidade “Eu amo História 2”, por exemplo, no fórum “Hitler”: Sabrina, esse cara foi mais um monstro, mas com certeza pouquíssimas pessoas ja tiveram o poder de persuasao como ele, que infelizmente usou essa habilidade para fins cruéis”, 12.6.2006; Adriana, “Hitler foi um completo idiota, mas tinha uma mente brilhante... impressionante o que ele fez com a Alemanha, e o mundo todo. Mas foi um monstro cruel, e com sérios problemas psicológicos” rrrs, 31/1/2008; Gardênia “Totalmente enlouquecido pelo poder, inteligente, sim. Mas a usava para o mal.” 20/5/2010.

⁴⁴ Por exemplo: Comunidade “Eu amo História 2”, fórum “Que fato vc gostaria q naum tivesse ocorrido???”: Giana, “pessoal ... acho q vcs estao enganados ao falarem q as guerras foram um atraso total p/ humanidade... apesar de todos os efeitos negativos das guerras há de se lembrar também q elas trouxeram um avanço fantástico p/ a humanidade ... a 2ª guerra mundial por exemplo trouxe um aprimoramento na medicina q se não tivesse ocorrido vcs sentiriam muita falta... na história temos sempre q olhar os dois lados da moeda ... não é mesmo?” 14/10/2005; Deborah, “Segunda Guerra Mundial!!! Se não tivesse ocorrido, nós o Brasil, não seríamos os “cachorrinhos” dos EUA!!! Os judeus nao teriam sido massacrados... O Japão nao sofreria ate hoje em Hiroshima e Nagasaki os efeitos da radiação... Pessoas ainda nascem com defeito lá por causa da radiação!!! O mapa do mundo seria outro!!!”, 11/5/2006.

No avesso de se “odiar” a História tradicional ensinada, se “ama” a História que é articulada com a vida, com o cotidiano. Um internauta, ao entrar em uma das comunidades que “odeiam” História, como não membro, considera:

Continuem odiando historia... Mas sinto dizer, mas se voces nao aprenderem os acertos do passado, vai ser difficil acertar no futuro. [...] A minhas perguntas são simples. *Vocês tem um parente que morreu?* Lembra dele com carinho? Você conta pra todo mundo como voce gostava de um pai, mãe, irmao, avô ou avó que infelizmente se foi? Isso é historia. *Você coloca fotos das ultimas festas que você participou no orkut, twitter, blog ou o que for?* Isso é historia. *Você já mandou uma carta de amor, odio ou simplesmente escreve um diario?* sinto muito, mas é historia tambem. Na verdade vocês todos amam historia e não sabem, porque tudo que voce ja fez na vida e se lembra e repassa, você ta fazendo historia. [...] ⁴⁵ (grifo do internauta).

O internauta revela em todo seu texto uma *competência interpretativa* ao conectar significados e sentidos com a realidade presente (Rüsen, 2007, p. 111-117), de ver “o passado no presente”. Vincula o entendimento do passado com “acertar no futuro” mostrando uma *competência orientativa*, em que se situar no tempo entendendo o fluxo da experiência capacita a tomada de posição, o que sempre implica a construção de valores e ao mesmo tempo, de práticas (idem). O internauta parece avocar os “odadores” de História para que estes se entendam no processo histórico, no curso do tempo, o que seria construir e reconstruir identidade(s) – a consciência de si –, na relação com o “Outro” – a alteridade –, estabelecendo “*um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo...*” (Rüsen, 2001, p. 58). Por isso, chama a atenção para a empatia⁴⁶ que mostramos quanto aos entes

⁴⁵ Léó, comunidade “Eu odeio História e Geografia”, fórum “Continuem odiando História”, 15/7/2009.

⁴⁶ Segundo Peter Lee, “a empatia histórica pode melhor ser entendida como uma realização – algo que acontece quando sabemos o que o agente histórico pensou, quais seus objetivos, como entenderam aquela situação e se conectamos tudo isto com o que os agentes fizeram” (Lee, 2003, p. 19-36).

queridos que já se foram, provavelmente na tentativa de fazer com que as pessoas transifiram esta empatia – que constriam a noção de alteridade – a todas as pessoas que viveram o passado e/ou ao próprio passado (Lee, 2003). E ainda: associa a escrita de um diário ao registro da inserção do sujeito no mundo e na temporalidade, ao ato de narrar a História dotando as experiências de sentido, tornando “presente o passado” (Rüsen, 2001, p. 63).

Outra internauta concorda com os argumentos:

[...] vc deu uma aula de História... Mas acho q sei pq as pessoas dizem odiar história... pq até pouco tempo atrás era vista como uma disciplina meramente decorativa, porém atualmente é importante q eles saibam q n se aprende história decorando e sim, compreendendo o contexto histórico... Quem odeia história, odeia a si próprio... pois quem é o agente ativo na história? Não seria o homem? Será q nós n fazemos história? E os fatos q acontecem em nossas vidas? tudo isso é História... [...] ⁴⁷

A internauta acredita que os “odadores” não conseguem ver significância histórica porque estes estão acostumados com outra História, aquela ensinada no espaço institucional, pautada na chamada “decoraba”. Outra internauta participa da discussão parecendo vislumbrar a possibilidade de se gostar da História, mas da História viva, que até então os não membros que confrontam os “odadores” vêm defendendo e escreve: “*o problema é quando você é obrigado a estudar*” ⁴⁸

Referências

ALVES, Maria Olinda Pereira. *Concepções de professores e alunos sobre significância histórica: um estudo no 3º ciclo do ensino básico*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Minho, Braga, 2007.

⁴⁷ Dayse Oliveira, comunidade “Eu odeio História e Geografia”, fórum “Continuem odiando História”, 19/7/2009.

⁴⁸ Erica, Idem, 27.7.2009.

- BARBOSA, Antônio Francisco Dantas. *Conhecimento tácito substantivo histórico sobre o encontro entre povos e culturas: um estudo com alunos dos 7º e 10º anos de escolaridade*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação e Supervisão Pedagógica em Ensino da História) – Universidade do Minho, Braga, 2006.
- BOURDIEU, P. Compreender. In: BOURDIEU, P. (Coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- CHARTIER, R. *A acentura do livro*. Do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1999.
- CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- FEATHERSTONE, M. *O desmanche da cultura*. Globalização, pós-moderno e identidade. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel; Sesc, 1997.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LEE, P. “Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé”: compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, I. (Org.). *Educação histórica e museus*. Braga: Centro de Investigação em Educação; Instituto de Educação e Psicologia; Universidade do Minho, 2003. p. 19-36.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- MAFFESSOLI, O. *Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Trad. Débora de Castro Barros. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. *Os exercícios do ver*. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. Trad. Jacob Gorender. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

- NADAI, E. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectivas. *Revista Brasileira de História*, Memória, História, Historiografia. Dossiê ensino de história, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 92/ago. 93.
- RAMOS, M. E. T. *O ensino de história na revista Nova Escola (1986-2002): cultura midiática, currículo e ação docente*. 2009. Tese (Doutorado em História da Educação) – Universidade Federal do Paraná, 2009.
- RHEINGOLD, H. *Smart Mobs: the next social revolution*. Cambridge, Massachusetts: Perseus Publishing, 2002.
- RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- RÜSEN, J. *História viva*. III: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- SANTAELELLA, L. *Navegar no ciberespaço*. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Concepções de aprendizagem histórica presentes em propostas curriculares brasileiras. *História Revista*, v. 14, n. 1, jan./jun. 2009.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, S.; WOODWARD, H. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SILVEIRA, R. M. H. Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre Orkut. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, M. I. E. (Orgs.). *Educação e cultura contemporânea*: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: Ed. Ulbra, 2006.